

# MOTTA COQUEIRO OU A PENA DE MORTE

José do Patrocínio

## A FORÇA

Macaé, pequena cidade do litoral da província do Rio de Janeiro, não conhece a vida ativa e estrepitosa das grandes cidades populosas.

Olhando ao longe o oceano que vem, às vezes acovardado e murmurando apenas, às vezes espumando e bramindo estender-se ou arremessar-se na praia donde ela surge, o aspecto da cidade e o do oceano contrastam singularmente.

É que enfrentam o movimento das vagas, quase sempre brusco e violento, e a mais tranqüila quietação; o ruído que por horas de tempestade assoberba-se, avoluma-se e prorrompe em escarcéus medonhos, e o silêncio que de contínuo reina nas ruas e praças pouco transitadas.

Para ligar a vida da cidade e a do oceano só há os navios ancorados, que ficam silenciosos, oscilando ao tom das ondas, de maneira que os seus extensos mastros como que fingem pontes movediças interpostas a ambos.

No dia 26 de agosto de 1855 dir-se-ia que uma inesperada mudança se havia efetuado, trocando-se repentinamente os papéis entre si.

Ao passo que as vagas erguiam os colos azulados a rosear-lhes a orla branquicenta no colorido de uma serena madrugada, a cidade já acordada enchia-se dos sussurros próprios de uma reunião popular.

De toda a parte afluíam cavaleiros e carros de bois, conduzindo famílias, que presto apeavam e seguiam em direção ao mesmo lugar.

Irisavam as ruas as roupas variegadas e vivas dos moradores do interior, e os transeuntes apenas cortejavam-se, sem que nenhum deles reparasse que o outro, quebrando os estilos da boa camaradagem e sociabilidade sertaneja, não fizesse uma longa parada para informar-se por miúdo da saúde e negócios do seu conhecido.

Essa atividade insólita denunciava que toda aquela gente reunia-se para assistir a alguma cena extraordinária, algum desses acontecimentos memoráveis que se gravam indelevelmente na memória dos povos, desinteressada arquivista dos fatos que mais tarde terão de ser julgados pela imparcialidade da história.

Os pontos mais concorridos eram a praça Municipal e a rua que, atravessando-a, vai terminar na praça do Rossio.

No primeiro largo a população afluía, estacionava, engrossava-se agora e para logo rareava, escoando-se para sul e norte pela rua secante.

Contrapondo-se a tamanha atividade, à serenidade expansiva das fisionomias, onde havia o reflexo de um sentimento honesto, o sino da Matriz começava a dobrar por morto.

Esse fato, que destoa dos sentimentos religiosos das populações do interior, ficaria, porém, cabalmente explicado para aqueles que se acercassem dos grupos, que estadiavam pelas praças citadas e a rua, que na parte norte passava pela cadeia da cidade.

- Homem! eu se vim aqui não foi para regozijar-me com a morte do infeliz; tenho certeza de que ele entrou nisso como Pilatos no Credo.

- O Sr. está falando sério, Sr. Martins?

- Se estou, era até capaz de jurar que ele não mandou matar.

- Ora isto é que é vontade de teimar. Todas as testemunhas foram concordes em dizer que foi ele.

- Então, Sr. Luís de Sousa, se eu for dizer aqui ao Sr. Cerqueira, e este a outro, e a outro que o senhor mandou matar uma família, isto, por si só, é uma prova contra o senhor?

- Valha-me Deus, isto não vem a pêlo. O Motta Coqueiro não está neste caso; era um homem tido e havido por mau em todo o Macabu; malquisto com seus vizinhos sérios e só cercado de homens iguais ao Faustino, um fugido das galés, e o Florentino, o tal Flor, bem conhecido por perverso.

- Os senhores dizem só, mas não apontam os males que ele fez. O próprio Francisco Benedito foi por ele acolhido em sua casa, quando, tendo sido corrido pelo Dr. Manhães, não tinha onde cair morto.

- Agora é que o senhor disse tudo; para o desgraçado cair morto era preciso mesmo ir agregar-se para a casa do facínora, que não só lhe desmoralizou uma filha, mas ainda lhe queria roubar as benfeitorias do Sítio.

- E o que me diz o Sr. Martins acerca da mulher de Motta Coqueiro? interrompeu um novo interlocutor.

- Eu sou da opinião do Sr. Luís de Sousa; para mim, Motta Coqueiro era capaz de fazer ainda mais, principalmente porque era açoitado pela mulher, a qual dizia que, para despicar o seu marido, venderia até o seu cordão de ouro.

- Por Deus ou pelos diabos; os senhores falam só e não me deixam falar. Com os diabos, Motta Coqueiro já foi condenado; dentro de uma hora há de ser pendurado pelo carrasco; que eu diga que sim, que os Srs. digam que não, nada lhe aproveita; mas a verdade antes de tudo. Eu não falo por mim. O Conceição é homem à-toa?

- Eu vou com ele até o inferno.

- Pelo menos nunca ouvi dizer que ele não fosse um homem sério.

- Pois o Conceição diz que Motta Coqueiro é inocente no assassinato da família de Francisco Benedito.

- Ora essa! ...

- E então por que não foi ser testemunha da defesa, se ele sabia do fato?

- Não foi, e fez muito bem; eram capazes de dizer que ele também era um dos co-réus, porque o Conceição, como sabem, estava na casa de Motta Coqueiro na noite em que se deu o crime.

- Ponhamos as cousas nos seus lugares, Sr. Martins, interrompeu Luís de Sousa. Ninguém diz que o Coqueiro foi o matador, o que se diz é que ele foi mandante, e não havia de dar as ordens à vista de Conceição. Já vê que este nada pode saber com certeza.

- Sr. Luís de Sousa, eu não quero brigar com você, e por isso o melhor é cortar questões. O Sr. fica com a sua opinião e eu fico com a minha, o tempo dirá qual de nós tinha razão. Eu digo que é falso, é falso, é falso; o Coqueiro não mandou fazer tais mortes; esse desgraçado morre inocente.

Pela conversação a que acabamos de assistir é fácil saber que achamo-nos no dia em que a justiça pública, para desafrontar-se, ou melhor, desafrontar a indignação pública, ia levar ao cadafalso Manuel da Motta Coqueiro, que era geralmente acusado como mandante do assassinato execrando, que exterminou toda uma família à exceção de uma moça, que não se achava no lugar do crime.

A notícia lutuosa correu veloz por todo o Brasil, e todo o povo ergueu um brado de maldição contra os assassinos.

Pedia-se em altos brados, nas reuniões e na imprensa, uma punição famosa, que passasse de geração em geração, atestando que ao menos os contemporâneos, impotentes para reparar o crime, tinham sido inexoráveis num castigo tremendo.

O nome de Motta Coqueiro era proferido com horror e bem assim os dos seus cúmplices, e as mães, ao verem-nos passar, ensinavam às criancinhas a maldizê-los.

O governo provincial e as autoridades locais uniram-se em solícito esforço para a captura dos réus, oferecendo especialmente ao que prendesse o mandante uma quantia com que nunca sonharam os pobres moradores das matas, por onde Coqueiro vagava refugiado; - dois contos de réis.

Entretanto do meio do ódio geral que cercava mais estreitamente o nome de Motta Coqueiro, alguns ânimos benévolos, concordes em amaldiçoar os criminosos, afastavam todavia o seu veredicto da cabeça do principal acusado.

Era desse número o ardente Sr. Martins, que, sempre protestando não aceitar discussões a respeito do assunto geral da conversação, não podia entretanto resistir a não chegar-se aos grupos para lhes ouvir as opiniões.

Homem tão honrado e bondoso, quanto gárrulo, o Sr. Martins naquela manhã discutiu com quase toda a população de Macaé, e o maior número das vezes concluiu repetindo a frase final da sua conversação com Luís de Sousa: *É falso, é falso*; o desgraçado morre inocente.

Desanimado e entristecido por não encontrar na compacta massa de povo uma pessoa só que concordasse consigo, plenamente, na inocentação de Coqueiro, Martins atravessava rapidamente o beco do Caneca, quando foi detido por uma vigorosa mão.

- Com que o Sr. Martins veio também assistir ao enforcamento da *Fera de Macabu*?

Estas últimas palavras foram, porém, proferidas com acento tão repassado de tristeza, que o Sr. Martins, sorrindo, abriu os braços e neles estreitou o seu interlocutor, exclamando:

- Até que, enfim, encontro um homem que pensa comigo!

E os peitos daqueles dois homens deixaram que perto batessem por longo espaço os corações, que palpitavam por um sentimento bem diverso do que animava à maioria da cidade.

Quando separaram-se ambos tinham os olhos rasos de lágrimas, e por um movimento acorde correram o olhar em redor.

Aquele olhar na sua tímida expressão traía o temor que ambos, mas principalmente o novo personagem, tinham de ser vistos por alguém; tão grande era a exaltação dos espíritos que atemorizava até a livre manifestação de sentimentos benévolos para com o sentenciado, sem logo incorrer em censura.

- Não é verdade, Sr. João Seberg? O Coqueiro morre inocente.

- É verdade, meu amigo, e ainda agora mesmo acabo de conversar ali com a D. Maria; respondeu Seberg, apontando para uma casa que tinha a porta e as janelas fechadas.

- E a D. Maria é também do número das que se arrebicaram para ver a execução.

- Não é, felizmente. Acaba de contar-me que as suas duas filhas lhe vieram pedir para virem, em companhia das vizinhas, ver este novo assassinato. Negou-lhes a licença e até repreendeu-as fortemente. Ainda agora quando o sino dobrou pela vez, que será penúltima, antes de separarmo-nos para sempre do desgraçado, ela, que estava conversando comigo, empalideceu, mandou que acendessem as velas do oratório, e chamou as filhas para que ao último dobre peçam a Deus que perdoe-nos a cegueira da nossa justiça.

Faz pena a pobre senhora; nem que fosse parenta dele. Só ouvindo-a; ela narra diferentes obras caridosas feitas pelo infeliz Coqueiro, e só interrompe-se para chorar.

- Isto revolta mesmo a gente, Sr. Seberg: ver morrer um amigo inocente e não ter força para salvá-lo.

- E ele que resistia sempre que se lhe queria dar meios para fugir ou... suicidar-se, o que era muito melhor do que ir parar às mãos do carrasco.

- Desgraçado.

- E nem ao menos ver na hora de morrer a esposa, e os filhos, que não se ativeram a estar aqui, temendo que os... enforcassem também.

- É um escândalo!

- É uma requintada infâmia. Obstaram a defesa, dificultaram as provas, andaram com ele de Herodes para Pilatos, e afinal chamaram requintado desavergonhamento aquele grito de desespero, com que ele acabou de responder ao último interrogatório.

Não viram nas barbas e nos cabelos que de todo embranqueceram, na macilenta cor de seu rosto, nas pálpebras sempre entrecerradas, a expressão de um generoso coração, que, talvez conhecendo o culpado, não condenava ninguém.

Adeus, Sr. Martins, rezemos por ele, e que Deus perdoe a quem o faz morrer.

Separaram-se, e o Sr. Seberg, com a cabeça baixa e vagaroso passo, tomou para a banda da praça Municipal. A sua longa barba grisalha caía-lhe na sobrecasaca preta toda abotoada, o seu porte, o seu ar, como que se iluminavam com as cintilações da justiça.

Naquela hora, esse homem severo, completamente vestido de preto, e com o semblante embaciado pela mais sincera tristeza, parecia o latente remorso de uma população inteira, que vinha assistir à tragédia judiciária para mais tarde lavar a nódoa que manchava as vítimas da lei.

De repente Seberg estacou, como que detido por um braço de ferro.

O sino da Matriz dobrava e, na outra extremidade da praça, o povo que se apinhava, encontroando-se, bradava:

Lá vem ele; lá vem ele!

Os gritos que, avassalando o sussurrar perene da multidão, como que chumbaram os pés de Seberg ao chão da praça, sobreexcitavam cada vez mais os espíritos.

Os vários grupos dispersos puseram-se em desordenado movimento. Cada qual queria chegar primeiro ao ponto donde os gritos partiram. Os mais moços corriam rapidamente, e as senhoras idosas, cambaleando aqui e acolá, e praguejando no puro estilo do beatério, aproximavam-se como um bando de gansos espantados.

Os pais e mães, no intuito de darem desde a infância um exemplo à sua progênie, levavam consigo os filhos, e na velocidade de que precisavam dispor, quase que os arrastavam, ao som de ralhos impertinentes.

Toda essa gente apressava-se, corria, aglomerava-se, encontrava-se, e alguns mais imprudentes, querendo a todo o transe romper caminho no mais denso do ajuntamento, provocavam, da parte dos desalojados, violentos empurrões e frases duras, a ponto de ser necessária a intervenção da autoridade para evitar conflitos.

Não foi um rebate falso o que se espalhou.

Já a campainha, tangida por um dos irmãos da Misericórdia, badalejava lugubrememente à porta da cadeia.

Pedia-se silêncio e repetiam-se insistentes *psius* por toda a multidão.

- Ouçamos o pregoeiro! ouçamos o pregoeiro! bradava-se por toda a parte. Esse novo fermento lançado à sôfrega curiosidade de todos, fez com que alguns se destacassem, porque, temendo não poder ver daí o espetáculo, queriam buscar em outro lugar melhor ponto de observação.

O Sr. Luís de Sousa muito interessado em coadjuvar a justiça, quanto estivesse em suas forças, elegeu-se capitão dos retirantes e, suando em bica, bufando e abanando-se com o chapéu, gritava a bons pulmões:

- Vamos para o Rossio, lá o bicho não nos escapara.

Dentro em pouco o Rossio recebia mais um numeroso contingente de espectadores, ansiosos por verem o epílogo desse rosário de horrores, do qual durante três anos esteve pendente a atenção pública.

A praça do Rossio, em que devia ter lugar a execução, estava quase literalmente cheia, e, soturnamente sonora, transbordava esse zunido abafado que derrama o vento atravessando um túnel.

Reinava aí a alegria e o dia esplêndido, todo luz e céu azul, aqui e acolá sarapintado de nuvens alvadias, como que santificava esse regozijo, a não ser que na opulência de brilho um poder oculto tentasse ver se era possível que um raio ao menos penetrasse naquelas consciências.

Abertos os guarda-sóis e reunidos em grupos, os curiosos matavam o tempo comentando as peripécias do crime e do processo, louvando a maioria o bom andamento da justiça.

Um desses grupos chamava a atenção pelo ar de misteriosa intimidade que o envolvia.

Tinha a palavra um moço alto, de compleição fraca, elegantemente vestido, e em tudo diferente dos habitantes do lugar.

- Se eu tivesse influência, dizia ele, obstaria por hoje a execução do Coqueiro.

- Era violar a lei, doutor; o código ordena que a execução se efetue no dia imediato ao da intimação da sentença ao réu.

- Sim, senhor; mas se o réu estiver tão doente que nem se possa levantar, se o réu estiver moribundo?

- Mas eu vi o Coqueiro quando chegou da corte e não me consta ainda hoje que ele esteja em tal estado.

- Pois esteve bem mal esta noite. Cedendo à vergonha ou ao desespero tentou suicidar-se, e para isso serviu-se de um pedaço de vidro com o qual fez um ferimento no pulso.

- E o que faziam os guardas?

- Não será uma fábula inventada pelos amigos?

- Não, senhor, fomos vê-lo, eu e o Dr. Silva, e ambos ligamos-lhe as veias.

- Embora, doutor, ele pode ser conduzido em uma padiola; e eu tenho de que não sairei hoje daqui sem vê-lo pendurado acolá.

Na direção indicada pelo interlocutor estava levantada a máquina sombria da justiça social.

A sua fealdade comovente, brutal encarnação dos sentimentos da população, pavoneava-se, entretanto, com o epíteto honroso de instrumento da desafronta pública.

Todos fitavam-na com simpatia, com estremecimento mesmo, e cada um buscava tomar posição apropriada a tê-la de frente.

Talvez pela imaginação exaltada do povo passassem as imagens das vítimas imoladas à sanha facinorosa dos seus matadores.

Diante da horrorosa construção, a memória popular avivava recordações de outros tempos, ouvidas em serões de família aos pais já finados.

- Ainda hoje isto é bom. Contava-me meu pai, que ouviu ao meu avô, que, no tempo de D. João VI, primeiro o carrasco desmunhecava com um golpe as mãos do padecente e só depois é que ele era levado à forca.

- Era o que esse precisava; eu sigo a letra do evangelho; quem com ferro fere com ferro seja ferido.

O gracejo por sua vez vinha pagar tributo à reunião piedosa de tantos corações justiceiros, que naquele momento se expandiam folgadoamente numa espontânea conformidade de sentimentos.

De vez em quando toda a massa popular ondulava, afluía para um ponto e refluía depois.

Era uma voz que se levantava para apregoar que estavam rufando os tambores e que, portanto, em breve se desdobraria o painel ansiosamente esperado.

Serenava o sussurro; as mãos arqueavam-se em torno dos pavilhões das orelhas, e todos tomavam a atitude de quem escuta.



Tamanha ansiedade denunciava bem que, em meio de toda essa gente, não havia quem refletisse no que há de iniquidade nessa desafronta do crime pelo crime.

A justiça, dinamizando a barbaridade, folga e jacta-se de dar aos descendentes dos ofendidos uma reparação, mas não vê que não será multiplicando a orfandade e o desamparo que ela chegará um dia a trancar as prisões.

A baba do sentenciado cai como indelével mancha negra sobre todos os seus; e não pode haver maior torpeza do que condenar a quem não mereceu a condenação.

Os magistrados e os que mandam executar essas bárbaras sentenças dormem tranqüilamente na paz de uma consciência honesta, porque entregam às mãos do carrasco as pontas da corda ou o cabo do alfanje.

A sociedade por sua vez aplaude, na magistradura e em si mesma, a segurança dos lares e o amor da justiça, no dia em que das alturas da forca pende mais um cadáver.

E todavia parece que há menos torpeza em um homem matar outro, do que em reunirem-se milhares para matar um só.

Não pensavam, porém, deste modo os grupos que estacionavam no Rossio no dia em que se devia executar os acusados pelo assassinato da família de Francisco Bedito.

Ao contrário: havia quase duas horas que do Rossio à cadeia andavam ansiosos à espera de ver consumir-se a execução.

Todas as janelas estavam cheias, e as mulheres, coradas pelo sol e excitadas pelo desejo de emoções, debruçavam-se nos peitoris espiando para o lugar de onde devia vir o préstito.

Um incidente inesperado veio pôr bem patente a aprovação pública ao decreto dos tribunais.

Espalharam-se dois boatos ao mesmo tempo.

Propalou-se que a munificência do poder moderador reservara-se para ir no alto do cadafalso tirar do pescoço dos padecentes o baraço infamante, e assim restitui-los à vida, ao remorso e ao arrependimento.

Ninguém quis dar crédito aparentemente, mas, em consciência, cada um sentiu-se profundamente despeitado e denunciava o despeito repetindo entre um sorriso: não é possível!

Daí a pouco, porém, ajuntava-se um complemento ao boato, e a população alarmou-se seriamente.

Divulgou-se que pessoas fidedignas tinham visto chegar a toda a brida um cavaleiro. Acrescentava-se que o recém-chegado era campista e desconhecido no lugar.

Podia bem ser mais um curioso, mas também podia ser o portador do perdão, visto que o segundo defensor de Motta Coqueiro era residente em Campos e prometera salvar o seu cliente a todo o custo. A notícia inspirou geral desagrado e ouvia-se em todos os grupos unissonamente dizer-se:

- Se fizerem isto, fica estabelecido que podemos de hoje em diante matar a quem nos aprouver, sem que possamos ser punidos. Quem perdoa Motta Coqueiro não pode condenar a mais ninguém.

Ainda os ânimos não tinham sequer contido o choque produzido pelo boato, e já um outro corria de ouvido em ouvido.

Este era ainda mais grave e mais próprio para irritar os justos instintos dos curiosos.

Afirmava-se o primeiro boato, e caso ele se não realizasse, nem por isso o principal sentenciado deixaria de burlar a sentença.

O meio empregado era simples. A corda fora embebida em aguarrás e portanto não poderia resistir ao peso do padecente.

Logo que ela arrebentasse, a bandeira da Misericórdia seria colocada sobre Coqueiro e os seus amigos impediriam a que a execução se renovasse.

- É um atentado sem nome, exclamava colérico o Sr. Luís de Sousa. Mas enquanto eu for vivo, veremos se faz-se ou não se faz justiça.

A última palavra de Luís de Sousa era a que pairava em todos os lábios, e a idéia que motivava a satisfação do povo.

Não se riam, não se alegravam por desumanidade; regozijavam-se crendo que se efetuava uma justa vingança.

Luís de Sousa era a imagem da indignação profunda e dos desejos da multidão, a que acabava de reunir-se mais um espectador.

Era Seberg que, sem saber por que, dirigira-se para o lugar onde lhe estava reservado um golpe tremendo.

Numa das continuas viravoltas que dava, Luís de Sousa esbarrou com Seberg, e comunicava-lhe o ocorrido, quando uma circunstância pôs-lhe ponto à narração.

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

